Celebrando Shakespeare

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Bárbara Novais
Cecília Athias
Heloísa Queiroz
ORGANIZADORAS

CELEBRANDO SHAKESPEARE

LETRACAPITAL

Copyright © Bárbara Novais, Cecília Athias e Heloísa Queiroz (orgs.), 2023

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Soma Comunicações (Fábio Catalão)

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Dos autores

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C386
Celebrando Shakespeare [recurso eletrônico] / organização Bárbara Novais, Cecília Athias, Heloísa Queiroz. -1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.
Recurso digital ; 4 MB

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-846-0 (recurso eletrônico)

1. Shakespeare, William, 1564-1616 - Crítica e interpretação. 2. Shakespeare, William, 1564-1616 - Influência. 3. Teatro - História e crítica. 4. Livros eletrônicos. I. Novais, Bárbara. II. Athias, Cecília. III. Queiroz, Heloísa.

CDD: 822.33072
23-83723 CDU: 821.111-2.09

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Esta obra recebeu o apoio da CAPES/PROAP.

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781 / 993801465
www.letracapital.com.br

Sumário

Apresentação 7
Bárbara Novais
Cecília Athias
Heloísa Queiroz

Introdução 9
Fernanda Teixeira de Medeiros

Convidados 11

O Teatro Shakespeariano no Brasil 12
José Roberto O'Shea

A presença de William Shakespeare
na obra de Charles Dickens 22
Leonardo Bérenger Alves Carneiro

Organizadoras 31

Mercutio, the Nurse and Friar Lawrence:
Complex Secondary Characters in
Romeo and Juliet 32
Bárbara Novais de Lima

Carta aberta a Helena de Narbonne 47
Cecília Athias

Adaptando Shakespeare para a Literatura
Infantojuvenil: o exemplo de *Tales from Shakespeare*
de Charles e Mary Lamb 53
Heloísa Dias Queiroz

Communicadores 61

Autoras inglesas contemporâneas de
William Shakespeare: sobre o que escrevia
a contraparte feminina do Bardo 68
Aline Fernandes Thosi

Jonson and Shakespeare: the use of boy actors and
the spectators' complicity on the English stage 80
Amanda Fiorani

"Such is the Breath of Kings": Medievalismos em
Ricardo II de Shakespeare 92
Fernanda Korovsky Moura

Pobre Tom, um espelho fragmentado de Lear 101
Fernando Azevedo Neckel Junior

A domesticação feminina como tática de opressão
patriarcal em *A megera domada* (1591),
de William Shakespeare 113
Gracyenne K. M. Mendes

Introdução aos estudos sobre a retórica e a oratória –
história e possíveis novos caminhos para formação
do ator/professor 124
Kelvin Marum Machado
Aline Castaman

Primeiros encontros em duas línguas 131
Liciane Guimarães Corrêa

Um encontro entre oprimidos: quando
o Caliban de William Shakespeare encontra
o alfabetizando de Paulo Freire 143
Vanessa Rodrigues de Souza

Sobre os autores 157

Apresentação

O livro que você tem em mãos é o resultado de um evento acadêmico organizado por quatro alunas que cursaram o mestrado de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): Bárbara Novais de Lima, Cecília Athias, Heloísa Dias Queiroz e Rafaela Lomba.

Inicialmente idealizado com o objetivo de divulgar as pesquisas acadêmicas da universidade e promover o encontro entre os estudantes e alguns dos principais shakespearianos do país, o *Celebrando Shakespeare* foi realizado no dia 23 de abril de 2021, data do 456º aniversário do Bardo. Em meio à pandemia da Covid-19 que isolava a todos em casa, o evento ganhou novos contornos na medida em que a palavra "encontro" adquiriu novos significados. Realizado no formato online, o *Celebrando* simbolizou o encontro a partir do não-encontro e se mostrou bem-sucedido ao evidenciar não apenas a importância da pesquisa acadêmica, mas principalmente a importância da arte, da união e da coletividade.

Este é um livro feito a muitas mãos, e ressaltamos positivamente a diversidade das contribuições aqui presentes. Aos nossos convidados e convidadas, Fernanda Medeiros (UERJ), José Roberto O'Shea (UFSC), Lawrence Flores Pereira (UFSM), Leonardo Bérenger (PUC-Rio), Liana Leão (UFPR), Marlene Soares dos Santos (UFRJ), o nosso profundo agradecimento pelas generosas contribuições ao *Celebrando*. Às comunicadoras e aos comunicadores, Aline Thosi (UERJ), Amanda Fiorani (PUC-

Rio), Erika Coachman (Cap-UFRJ), Fernanda Moura (UFSC), Fernando Neckel Junior (UFSM), Lais Alves (UERJ), Leandro de Olveira (PUC-Rio), Liciane Corrêa (UERJ), Vinício Berbat (UERJ), Gracyenne Mendes (UERJ), Kelvin Machado (UFPEL), Maria Jaqueline Chagas (UFAC), Vanessa Souza (UFRRJ), o nosso muito obrigado pela participação. Por último, mas não menos importante, agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Letras – UERJ (PPGL-UERJ) pelo apoio e financiamento dado a este livro.

Como os nomes do evento e do livro sugerem, os textos em torno de Shakespeare que o leitor encontrará nessas páginas buscam celebrar sua obra e seu legado, mas, acima de tudo, a vida e toda a sua diversidade. Esperamos que aproveitem a leitura!

Bárbara Novais
Cecília Athias
Heloísa Queiroz
Organizadoras

Introdução

Celebrando Shakespeare
23/04/2021

Tudo são aniversários. Que é hoje senão o dia aniversário natalício de Shakespeare? Respiremos, amigos; a poesia é um ar eternamente respirável.

Machado de Assis, 23/04/1893,
A Semana

A data de 23 de abril é especial para shakespearianos e shakespearianas. Acredita-se que foi nesse dia, no ano de 1564, que Shakespeare nasceu, em Stratford-upon-Avon; e foi também nesse mesmo dia, 52 anos depois, em 1616, que ele faleceu. No mundo todo, há alguns séculos, comemorações lembram o nascimento e a morte dessa figura literária e cultural que transcende em muito as fronteiras da Inglaterra, e que produziu uma obra cujas ressonâncias contemporâneas são inquestionáveis.

Em 2021, na nuvem internética com sede virtual na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, não foi diferente. A pandemia de coronavírus corria solta, mas as universidades públicas tinham aprendido a se reinventar para continuar prestando seus serviços à Sociedade, dentre eles, a ampla divulgação e o amplo compartilhamento de saberes. Assim teve lugar, ao longo de todo o dia 23 de abril, desde as 10 da manhã às 8 da noite, o evento CELEBRANDO SHAKESPEARE, organizado com muita competência pelas então mestrandas, hoje mestras em Literaturas de Língua Inglesa, Bárbara Novais, Cecília Athias, Heloísa Queiroz e Rafaela Bartolamei, todas com pesquisas sobre a obra de Shakespeare, e, para minha alegria, sob minha supervisão. Todos e todas sabemos da importância da produção discente nos programas de pós-graduação, e contribuições como esta, que agregam refinada organização a uma publicação em livro, merecem todo o reconhecimento.

A UERJ é um lugar especial no Brasil para quem deseja pesquisar as Literaturas de Língua Inglesa. É uma das quatro universidades públicas que oferecem um curso de graduação com habilitação única, em Inglês-Literaturas, com uma carga expressiva de disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-americana. Esses estudos podem ser continuados em nível de pós-graduação, por meio da especialização, do mestrado e do doutorado. O sucesso da empreitada na produção do CELEBRANDO SHAKESPEARE deve-se, assim, ao empenho das Organizadoras, mas não está desvinculado desse rico ambiente Uerjiano, cujas qualidade e seriedade faço questão de reconhecer veementemente, louvando o Instituto de Letras e o Programa de Pós-graduação em Letras, dos quais tenho o maior orgulho e a maior felicidade de fazer parte.

Neste volume, estão reunidos os textos das comunicações apresentadas no evento, que congregou participantes de norte a sul do Brasil, em sessões remotas com alto grau de engajamento. Estudantes de graduação e pós-graduação compartilharam suas pesquisas, cuja variedade atesta o vigor do campo de Estudos Shakespearianos em nosso país. Falou-se sobre a comédia, a tragédia, o drama histórico, a poesia lírica, a condição feminina, o colonialismo. E não ficaram de fora autores e autoras da Primeira Modernidade inglesa, tornando mais completa a composição do quadro do período elisabetano-jaimesco. Os shakespearianos consagrados, que também estiveram presentes no evento, estão aqui representados pelos artigos de José Roberto O'Shea, professor titular aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina e eminente tradutor, e de Leonardo Bérenger Alves Carneiro, professor associado da PUC-Rio.

Parabenizo de coração as Organizadoras, agradeço à Coordenação Geral da Pós-graduação em Letras da UERJ pelo apoio ao livro, e aguardo ansiosamente a próxima edição do CELEBRANDO SHAKESPEARE, para que sigamos experimentando o fato de que a literatura, a poesia, e Shakespeare são mesmo *um ar eternamente respirável*.

Fernanda Teixeira de Medeiros
Profa. Associada de Literatura Inglesa - UERJ

Convidados

O Teatro Shakespeariano no Brasil[1]

José Roberto O'Shea

Discorrer sobre a recepção e a presença da poesia dramática de William Shakespeare no Brasil requer ir além da tradução, requer contemplar um panorama que abranja literatura, cinema e televisão -- além de teatro, é claro. E qualquer avaliação, por mais breve que seja, da chegada de Shakespeare entre nós não pode prescindir de referência à história de rebatimentos culturais europeus desde o início do nosso processo de colonização. Embora os portugueses tenham iniciado a colonização em 1500, teatros e outros tipos de espaços formais para as artes só se tornaram disponíveis nos centros políticos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Manaus no século XVIII. O domínio e o prestígio de modelos europeus, sobretudo franceses, continuaram após a independência do país, em 1822, quando a aristocracia colonial e proprietários de terras enviam sua prole para ser educada no exterior, principalmente na França e na Inglaterra.

E cabe frisar que a influência de companhias teatrais francesas, italianas e portuguesas em turnê pelo Brasil foi marcante no século XIX. O estudo seminal de Eugênio Gomes -- *Shakespeare no Brasil*, publicado no Rio de Janeiro pelo Ministério da Educação e Cultura, em 1961, e suplementado pela pesquisa realizada por Celuta Moreira Gomes, disponibilizada naquele mesmo ano -- indica que a primeira recepção e transmissão das obras de Shakespeare no país foi teatral e aconteceu no Real Theatro de São João, construído por Dom João VI, em 1813, no Rio de Janeiro, onde o ator-empresário João Caetano dos Santos (1808-1863) celebrizou-se encenando *Hamlet* (1835), *Otelo* (1837) e *Macbeth* (1843) e fundando uma companhia teatral inteiramente brasileira. Essas primeiras montagens utilizavam traduções feitas

[1] O presente texto é uma versão revista e expandida do artigo "O Teatro Shakespeariano em Tradução no Brasil". *Revista Confluências Culturais*, v. 10, p. 7-12, 2020.

por artistas portugueses, por exemplo, Ludovina Soares da Costa (1802-1868), e sabemos que eram invariavelmente baseadas em adaptações francesas de autoria do poeta, dramaturgo e membro da Academia Francesa de Letras, Jean-François Ducis (1733-1816). Trabalhando a partir de traduções em prosa das peças de Shakespeare, Ducis, que não falava inglês, criou versões adaptadas ao gosto do teatro neoclássico francês, ou seja, observando as unidades de tempo, lugar e ação, bem como a regra da *bienséance* (decoro, decência, compostura), alterando as peças e modificando seu final.

A recepção da obra de Shakespeare entre nós, no entanto, não foi exclusivamente teatral. Eugênio Gomes arrola escritores do século XIX e do início do século XX representativos da apropriação de Shakespeare na literatura brasileira, tais como Gonçalves Dias (1823-1864), com a peça *Leonor de Mendonça* (1846, que apresenta nítidas semelhanças e contrastes com *Otelo* e que, aliás, foi encenada por Paulo Autran em 1954); Álvares de Azevedo (1831-1852), com sua tradução do quinto ato de *Otelo* e com os poemas "O Poema do Frade" (ref. Ser ou não ser) e "A Harmonia" (ref. Ofélia); Alberto de Oliveira (1857-1937), com o poema "Canção de Ariel"; Cruz e Sousa (1862-1898), com o poema "Pressago", invocando "fantasmas" e "bruxos"; Coelho Neto (1864-1934), com a coleção de contos *Álbum de Caliban*; Olavo Bilac (1865-1918), com seu poema "Romeu e Julieta" e, aos 22 anos de idade, com seu soneto -- em francês -- sobre a atuação do italiano Giovani Emanuel (1847-1902) no papel de Otelo, em São Paulo, em 1887; e Rui Barbosa (1849-1923), com suas "Cartas de Inglaterra", em que o grande polímata brasileiro afirma: "A semente inglesa rebenta com as mesmas virtudes em todas as regiões aradas por este povo, em todas as vastas regiões do globo, por onde se distribui a imensa família dos súditos del-Rei Shakespeare" (pp. 45-46).

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) não só traduziu Shakespeare, vários excertos, por exemplo, o mais do que célebre "To be or not to be", de Hamlet, além de falas de personagens shakespearianos que se inserem em seus romances, como também evocou repetidamente as peças do Bardo. *Dom*

Casmurro (1899) está repleto de ecos de *Muito Barulho por Nada*, *Hamlet*, *As Alegres Comadres de Windsor*, *Romeu e Julieta* e, em particular, *Otelo*. "A Cartomante" (1884), conto sobre traição e vingança, apresenta a história trágica do triângulo amoroso composto por Vilela, Rita e Camilo. O conto inicia com as seguintes palavras: "Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia" e evoca *O Conto de Inverno* na escolha do nome "Camilo".

Shakespeare tem sido apropriado como escritor canônico, porém, não apenas nas páginas da literatura, mas também nas telas de cinema e televisão. O filme *O Casamento de Romeu e Julieta*, de 2005, do diretor Bruno Barreto (1955), por exemplo, transformou a tragédia *Romeu e Julieta* em comédia romântica ambientada em São Paulo, e Montéquios e Capuletos tornaram-se torcedores febris, respectivamente, do Sport Club Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras. O diretor Fernando Meirelles (1955), conhecido internacionalmente por seus filmes *Cidade de Deus* (2002) e *O Jardineiro Fiel* (2005), filmou a minissérie intitulada "Som & Fúria", para televisão, exibida em 2009, a respeito de um grupo fictício de teatro shakespeariano (baseada na série canadense *Slings and Arrows*). Aimara Resende pesquisou e analisou detalhadamente três produções da TV Globo brasileira: a minissérie *Romeu e Julieta* de Paulo Afonso Grisolli (1980); o "Caso Especial" *Otelo de Oliveira* (1983), assinado por Aguinaldo Silva (1943) e dirigido por Grisolli; e a telenovela *Fera Ferida* (1993-94), de Agnaldo Silva e colaboradores.

Mas, voltemos no tempo e à tradução. Embora, como vimos, brasileiros já representassem Shakespeare na década de 1830, os textos utilizados eram edições publicadas em Portugal. Marcia Martins destaca que versões traduzidas a partir de diferentes idiomas começaram a aparecer na imprensa em 1933, e lembra que as fontes utilizadas pelos portugueses eram geralmente francesas. Martins criou e mantém, com apoio do CNPq, um rico e útil banco de dados -- Escolha o Seu Shakespeare – que oferece uma listagem anotada e gráficos individuais sobre mais de duzentas traduções integrais da poesia dramática de Shakespeare para o

português brasileiro, identificando quatro gerações de tradutores. Em abril de 2020, o importante levantamento divulgado no site aponta *Hamlet* como a peça mais traduzida no Brasil (16), seguida por *Macbeth* (13), *King Lear* (12), *Othello* e *Romeo and Juliet* (10). As comédias mais traduzidas são *A Midsummer Night's Dream* e *The Taming of the Shrew* (ambas com 8 versões).

Na esteira do trabalho de Berenice Barreto Xavier (1899-1986), Onestaldo de Pennafort (1902-1987) e Péricles Eugenio da Silva Ramos (1919-1992) realizado nas décadas de 1930 e 1940, Carlos Alberto Nunes (1897-1990) traduziu o teatro completo de Shakespeare na década de 1950, à exceção de *Os Dois Primos Nobres*. Barbara Heliodora (1923-2015), cuja carreira teve início na década de 1960, publicou 22 peças traduzidas com a Nova Fronteira e Lacerda Editora, e depois embarcou numa rica edição em três volumes das obras completas (exceto *Os Dois Primos Nobres*), com a Nova Aguilar.

O cenário da tradução ampliou-se consideravelmente nas décadas de 1980 e 1990 com Millôr Fernandes (1923-2012), Ivo Barroso (1929), Sérgio Flaksman (1949), Aíla de Oliveira Gomes (1916-2007), entre outros. Beatriz Viégas-Faria (1956), José Francisco Botelho (1980), Lawrence Flores Pereira (1965) e eu marcamos uma geração atual de tradutores (Lawrence Flores, aliás, conquistou o Prêmio Jabuti de Tradução Literária, em 2016, com sua tradução de *Hamlet*). Merecem destaque as traduções comentadas de *Love's Labour's Lost*, por Aimara Resende, e *A Midsummer Night's Dream*, por Erick Ramalho, ambas editadas em 2006, inaugurando uma série endossada pelo hoje extinto CESh, Centro de Estudos Shakespearianos. No meu caso, com apoio do CNPq e, principalmente, com colaboração de Marlene Soares dos Santos, parceira desde o início do projeto (em 1991), realizei nove traduções anotadas, em verso e prosa da dramaturgia shakespeariana, as sete primeiras aqui listadas estando publicadas: *Antônio e Cleópatra* (1997); *Cimbeline, Rei da Britânia* (2003); *O Conto do Inverno* (2007); *Hamlet - o Primeiro In-Quarto* (2010); *Péricles, Príncipe de Tiro* (2012), coautoria de Shakespeare e George Wilkins (1576-1618); *Os Dois Primos Nobres* (2017), coautoria de Shakespeare e John Fletcher (1579-1625);

Troilo e Créssida (2020); *Tímon de Atenas* (concluída), e *As Alegres Comadres de Windsor* (em andamento).

Retomando a dimensão literária e focalizando as reescrituras, vale destacar que Shakespeare segue presente na ficção brasileira contemporânea, por exemplo, em excelentes criações assinadas, entre outros, por Darcy Ribeiro, *Utopia Selvagem* (1981), Rubens Figueiredo, *Essa Maldita Farinha* (1987) e Rodrigo Lacerda, *O Mistério do Leão Rampante* (1995) e *O Fazedor de Velhos* (2008), trabalho acompanhado e investigado por Fernanda Medeiros. Em 2006, a série de paródias "Devorando Shakespeare" foi lançada pela Editora Objetiva, do Rio de Janeiro, com um primeiro romance baseado em *Trabalhos de Amor Perdidos*, de autoria do cineasta Jorge Alberto Furtado (1959), seguido por *A Décima Segunda Noite*, por Luis Fernando Veríssimo (1936), e *Sonho de Uma Noite de Verão* por Adriana Falcão (1960). A Objetiva publicou também reescrituras em prosa de peças, por Fernando Nuno, a saber, *Hamlet* (2003), *Macbeth* (2003), *A Megera Domada* (2004), *Romeu e Julieta* (2003) e *Sonho de Uma Noite de Verão* (2003).

E agora, voltemos ao palco por um instante. No século XX, o teatro brasileiro foi recriado, por assim dizer, por meio das técnicas de Konstantin Stanislavski (1863-1938), e, após a Segunda Guerra Mundial, encenadores e atores imigrantes trouxeram tendências estéticas da Itália, Polônia e dos Estados Unidos. As primeiras encenações brasileiras de Shakespeare no pós-guerra incluíram produções naturalísticas de *Hamlet* (1948), *Macbeth*, *Romeu e Julieta* e *Sonho de Uma Noite de Verão* (todas em 1949), montadas por Pascoal Carlos Magno (1906-1980) com seu Teatro do Estudante do Brasil (TEB). Influenciados por Brecht, os artistas dos anos 50 introduziram novas e importantes perspectivas críticas, embora, um pouco mais tarde, muitos tenham optado pelo exílio, em consequência da ditadura militar (1964-1985), cuja chancela à celebração oficial do quarto-centenário da data de nascimento de Shakespeare (23 de abril de 1964), por meio de apoio a palestras, publicações e montagens teatrais, visou consolidar a suposta legitimidade e o prestígio do regime vigente.

Após a década de 1950, importantes releituras e reescrituras pós-coloniais das obras de Shakespeare – no palco e fora dele -- tornaram-se mais frequentes na América Latina como um todo. Augusto Boal (1931-2009), que se opôs à apropriação de Shakespeare pelo regime militar, escreveu no exílio não só *Teatro do Oprimido* (1973) e outros escritos influentes, mas também a peça *Uma Tempestade* (1974), importante paródia de *A Tempestade*, criticando a estética europeia e interpretações colonialistas da peça, a partir do ponto de vista de Caliban. Mais recentemente, merece destaque o espetáculo *Otelo da Mangueira*, brilhante apropriação da tragédia de *Otelo* como comédia musical, ambientada durante um Carnaval, no Morro da Mangueira, Rio de Janeiro, envolvendo uma trama entre Otelo, presidente da Escola de Samba, Iago e Cássio, dois compositores – sendo um tarimbado e outro neófito -- que concorrem ao samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira naquele ano. O musical foi levado à cena no do Rio de Janeiro, em 2006-2007, com direção de Daniel Herz (1963). Cumpre registrar que o espetáculo foi estudado e analisado criteriosamente por Célia Arns de Miranda.

A história mais recente do teatro brasileiro reflete o trabalho multicultural realizado por encenadores, atores e atrizes. Artistas de destaque interpretaram importantes personagens shakespearianos nos tablados do país. Entre os atores: Sérgio Cardoso (1925-1972), Hamlet; Paulo Autran (1922-2007), Otelo, Macbeth, Coriolano, Lear e Próspero; Sérgio Britto (1923-2011) Lear; Abdias do Nascimento (1914-2011), Otelo; Raul Cortez (1932-2006) Lear; Juca de Oliveira (1935), Otelo; Antônio Fagundes (1949), Macbeth; Ney Latorraca (1944), Edmundo; Diogo Vilela (1958), Hamlet; Aílton Graça (1964), Otelo; Wagner Moura (1976), Hamlet; Celso Frateschi (1952), Marco Ricca (1962-2021) e Gustavo Gasparani (1967) Ricardo III; Thiago Lacerda (1978) Hamlet, Macbeth e Angelo; e Charles Fricks (1972), Leontes. Entre as atrizes: Luíza Barreto Leite (1899-1996), Lear; Henriette Maurinau (1908-1990), Volumnia; Tônia Carrero (1922-2018), Desdêmona; Ruth de Souza (1921-2019), Desdêmona; Eva Wilma (1933-2021), Catarina; Yara Amaral (1936-1988), Goneril; Ariclê

Perez (1943-2006), Regana; Maria Padilha (1960), Miranda; Fernanda Torres (1965), Cordélia; Giulia Gam (1966), Julieta, Lady Macbeth; Marisa Orth (1963), Catarina; Vera Holtz (1953), Tímon; Verônica Reis (1973), Hermione; Susanna Kruger (1961), Paulina; e Maria Fernanda Cândido (1974), Créssida. Longe de presumir completude, a listagem aqui apresentada visa registrar e destacar o trabalho relevante de atores e atrizes que encenaram Shakespeare entre nós.

Produções brasileiras de Shakespeare têm florescido, não só em festivais de teatro, como o Festival de Curitiba (desde 1992) e o "Porto Alegre em Cena" (desde 1993), mas também no trabalho de companhias como "Clowns de Shakespeare" (desde 1993, em Natal), cujo trabalho foi pesquisado por Anna Stegh Camati e Liana de Camargo Leão. A premiada produção do Grupo Galpão de *Romeu e Julieta* (2000), sob direção de Gabriel Villela (1958), foi levada ao Globe Theatre em Londres (2000) e ao Kennedy Center em Washington, D.C. (2002) em língua portuguesa. A montagem foi estudada por Júnia Alves com Marcia Noe e, posteriormente, por Daniela Lapoli Guimarães. Em 2006, a Companhia de Teatro Nós do Morro, do Rio de Janeiro, dirigida pelo ator-professor Gutti Fraga (1952), recebendo visitas frequentes de Cicely Berry (1926-2018), diretora vocal da Royal Shakespeare Company, colaborou com jovens atores da Gallery 37 (de Birmingham, Reino Unido) para apresentar *Os Dois Cavalheiros de Verona* no Festival Mundial de Obras Completas de William Shakespeare, realizado em 2016, no quarto-centenário da morte do autor. Os projetos do Palácio do Povo e o Fórum Shakespeare, capitaneados por Paul Heritage, no Rio de Janeiro, levam Shakespeare a brasileiros em situação de risco e violência desde os anos 1990. Ron Daniels (Ronaldo Daniel), que ingressou na Royal Shakespeare Company após sua opção pelo exílio em 1964, voltou ao Brasil para dirigir Raul Cortez em *Rei Lear* (2000) e produzir um "Repertório" de Shakespeare, com o já citado Thiago Lacerda nos papéis-títulos, em *Hamlet* (2014) e *Macbeth*, e também em *Medida por Medida* (2015).

Em 2004, no Rio de Janeiro, Daniel Herz, à frente da Companhia Atores de Laura, levou à ribalta, com Marlene Soares

dos Santos como dramaturga e com sucesso de público e crítica, a primeira montagem profissional brasileira de *O Conto de Inverno*, com tradução minha. O espetáculo foi analisado por Aline de Mello Sanfelice, em sua tese de doutoramento. Marcio Meirelles (1954), diretor artístico do Teatro Vila Velha, em Salvador, realizou duas montagens de *Macbeth*, uma com o grupo Avelãz y Avestruz (1982) e outra com a Universidade Livre do Teatro Vila Velha (2014); três diferentes produções de *Sonho de Uma Noite de Verão*, a primeira em 1992, em codireção com Werner Herzog (1942), no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, a segunda em 1999, com o Teatro dos Novos e o Bando de Teatro Olodum, e a terceira apenas com o Bando (2006), sendo as duas últimas em Salvador. Meirelles encenou ainda *Troilo e Créssida* (2014); a primeira produção profissional no país do *Primeiro in-quarto de Hamlet* (2015), com tradução minha, montagem investigada por Janaína Miriam Rosa em sua tese de doutoramento; *Romeu e Julieta* (2016-17); e *A Tempestade* (2019), todas no Teatro Vila Velha, com alunos e colaboradores da Universidade Livre. Muito me apraz dizer que tem sido um aprendizado constante, para mim, a colaboração com o Vila e a Universidade Livre já há alguns anos.

Aliás, um amplo banco de dados contendo vídeos de montagens brasileiras de peças de Shakespeare, bem como entrevistas com artistas e acadêmicos, foi lançado pela Universidade Federal do Paraná, idealizado e coordenado por Liana de Camargo Leão. E o segmento brasileiro do site do MIT Global Shakespeares também é fonte valiosa de registros acerca de Shakespeare no cenário brasileiro para pessoas interessadas em análise e contextualização de espetáculos teatrais.

Concluindo, espero que este breve panorama revele a capilaridade do "fenômeno Shakespeare" no contexto brasileiro. Tem sido intensa a atividade na literatura, no cinema, na televisão, na tradução, na apropriação e, decerto, no teatro. Longe de querer encerrar esta fala em flagrante bardolatria, devo admitir que, sem sombra de dúvida, existe algo que mantém tantos de nós interessados em ler, reler, reescrever, traduzir, interpretar, filmar e encenar esses textos dramáticos absolutamente memoráveis.